

Jean-Pierre Sarrazac

AJAX
regresso(s)

Tradução
Isabel Lopes
(Professora da ESEC)



2023

PERSONAGENS

O HOMEM JOVEM
A MULHER JOVEM
VOZES

As Vozes ficam ao critério do encenador: uma ou várias pessoas em cena. As vozes podem ser acompanhadas por música.

1. O CÃO MORTO

VOZES

no meio das ruínas

Há quanto tempo um homem não atravessa a aldeia

A princípio víamo-los passar às dezenas

Grupos dispersos

Olhavam uns para os outros

com medo com ódio

Provavelmente desertores fugitivos

Depois tornaram-se cada vez menos numerosos

Um por dia

Um por semana

Isolados o olhar vazio

Víamo-los avançar como sonâmbulos e dizíamos

«Bem podes caminhar

«Caminhas para nada

«A tua aldeia já não existe

«Lá não encontrarás pedra sobre pedra

«A tua casa um monte pedras

«A tua mulher e os teus filhos

«debaixo do monte de pedras»

OUTRAS VOZES

Ei-lo que regressa

aquele que todos julgavam morto
Reparei na sua silhueta à entrada da aldeia
É mesmo ele
Vi o seu cão a correr-lhe ao encontro
ladrando de felicidade
O pobre bicho abatido pelo desgosto
tinha reencontrado o seu vigor
Não tardareis a vê-los aparecer
o dono e o seu cão
A ele mal o haveis de reconhecer
O ar de um mendigo
Mais curvado que um velho
Esse homem outrora
tão poderoso como um touro
Alguns meses ou alguns anos
fizeram dele um destroço
Fantasma de si próprio

Chegado à árvore da fonte
faz uma pausa
O homem exausto morre de sede
mas desconfiado... não bebe
Pergunta-se se a água
nesta aldeia agora deserta
um chão de ruínas
não terá sido envenenada
Os usos da guerra
conhece-os melhor do que ninguém

Põe-se outra vez em marcha
Sempre a custo
Mas de repente o seu passo acelera-se
O que é que se passa
Para de novo
Hesita
Será que tão perto da meta
vai voltar para trás.

Que se vá
Que se vá
Que nunca mais o voltemos a ver
Que vá tentar a sua sorte alhures
A causa da sua morte era falada
Mil vezes contaram o seu suicídio
ou a sua execução
Já ninguém o espera
nem entre os mortos nem entre os vivos
Não nos serve para nada o regresso
deste semeador de ruínas.

Que esse fantasma desapareça
Que se vá

Desta vez é certo ele está aí
Avança para nós
Incrusta-se
Que a sua sombra cosida
às nossas ruínas
se afunde nelas

Que aí se perca para sempre
Que se enterre na terra mais profunda
Só quando este homem tiver desaparecido debaixo da terra
e todo o sangue vertido por sua causa tiver sido absorvido
poderão os sobreviventes sair dos seus buracos
poderemos nós reerguer as paredes das casas

Tarde de mais
Ele chegou precisamente onde queria
Imóvel
diante da única porta ainda em pé
da única casa ainda com um teto

Mas o que se passa
O seu gesto de bater à porta
subitamente suspenso
Um braço invisível
acaba de travar o dele

Dir-se-ia que hesita
Talvez seja esta luz
este excesso de luz que o incomoda
Como se o seu mais vivo desejo
fosse também o seu maior receio

Segue o teu caminho
Vai-te
Não és bem-vindo
Continua sem se mexer

Nunca se há-de ir embora
Fica petrificado

Pela última vez vai-te
És indesejado aqui
Estás morto e para os mortos
não há regresso
A guerra matou-nos a todos
Não há sobreviventes
Nenhum em todo o caso que tu possas
conhecer ou reconhecer
Nenhum que seja capaz
ou que anseie
por te receber
por te reconhecer

Ele afasta-se

Ele regressa

Ele afasta-se

Ele vai regressar
Tenho a certeza
Quando fizer escuro
Ele espera a noite

Ele não sabe
Ele ainda não percebeu
que já não o queremos para nada

A MULHER JOVEM *regressa a casa, ignorando o homem à sua porta:* Fiz uma prece. Pedi para que a noite nunca mais voltasse. Já não suportamos a noite. É muito o medo que ela nos dá. De dia, as pessoas cruzam-se, saúdam-se. Toda a gente faz de conta que as destruições e os massacres não tiveram lugar. Dir-se-ia que tudo foi esquecido. Mas, assim que a noite cai, começamos de novo a tremer. Aquele homem com quem nos cruzámos em plena luz do dia, quem nos diz que não estará a preparar as armas para nos matar? No escuro, alguém da família ao lado pode vir até cá e surpreender-nos durante o sono. Entre nós, houve demasiados mortos. Eu achei que não podíamos passar a nossa vida a tremer, mesmo quando dormimos. Pedi para que a noite não voltasse nunca mais. Fui ouvida. Esta tarde olho para o céu e não vejo o horizonte a escurecer. Posso voltar para casa com o espírito tranquilo.

O HOMEM JOVEM: Ela não me viu. Ela não me vê. Parece que já ninguém me vê. Nem ela nem os outros. Desde que atravesso cidades e aldeias em ruínas, desde que faço o caminho de regresso, tenho a impressão de que já ninguém me vê, de que me tornei invisível. Há semanas que caminho por paisagens idênticas. Paisagens de desolação. Esta onde me encontro agora não é menos devastada do que as outras. No entanto, alguns sinais dizem-me que cheguei ao meu destino. Estes últimos dois ou três dias, tinha a impressão de andar com mais ligeireza. Devo dizer que me desfiz das minhas armas e de uma parte do meu equipamento, que só guardei o mínimo indispensável para comer e para me bater – esta faca. Sentia cada vez mais pressa. Só parava à noite. E depois a noite – não sei por que sortilégio – nunca mais voltou e eu avancei ainda mais depressa. Quase corria. Pressa a mais. Apressado de mais. Quando um homem perdido caminha a este ritmo é caso para se perguntar se não quer perder-se. Estas pessoas que parecem não me ver, afastam-se para me deixar passar. Só os cães. Os cães cheiram a minha presença e entre eles

há os que – pobres bichos – uivam à morte e outros que se atiram a mim para me matar. Felizmente, ainda tenho a minha faca. Em breve, poderei desfazer-me desta faca. Demasiado grande demasiado ameaçadora para ser usada numa casa. Ela não me viu. Ainda não. Estou aqui, à frente dela, curvado sob o peso que trago aos ombros. Ela não me pode ver a cara. Quando me endireitar, vai ter mesmo de olhar para mim e de se decidir a reconhecer-me.

A MULHER JOVEM: Hoje, quando se perde a noite, já não se perde nada. À noite, era o tempo dos abraços. Dos casais enlaçados. O tempo das crianças que acordam a chorar e que é preciso consolar. Dos velhos que soltam um grito de susto por terem julgado ver chegar a morte. A morte suplantou a noite. Os casais já não se procuram e os cadáveres já não soltam gritos. Quero voltar para casa sem medo. Fecho a porta e as portadas atrás de mim. O meu sono, não são os ferrolhos que o hão-de proteger, mas esta luz permanente no exterior. Desde que a noite deixou de cair, as mulheres voltaram a ganhar alguma coragem. É preciso coragem para nos entregarmos ao sono quando se dorme num leito de cinzas.

Esta noite não tens nada a temer, não há ninguém. Nenhuma ameaça visível. Mereceste chegar a casa e descansar.

O HOMEM JOVEM: Fica ainda um pouco na entrada, peço-te. A noite ainda não caiu.

A MULHER JOVEM: A noite não vai cair. O dia constante protege-me.

O HOMEM JOVEM: A noite acaba sempre por cair. Concede-me alguns minutos. Um simples olhar.

A MULHER JOVEM: Não há ninguém. Ninguém. O exterior está vazio e iluminado. Nem a mínima ameaça. Regresso tranquila à minha casa.

O HOMEM JOVEM: Ela não me vê. Falo com ela mas ela não me ouve. Quando eu atravessava as aldeias, parecia que ninguém me estava a ver. Dava graças a Deus por isso. Agora que queria ser visto e ouvido por esta mulher, ela nem me vê nem me ouve.

A MULHER JOVEM *demora-se:* Apenas o mais ligeiro dos frémitos do vento no mais esquálido arbusto. Quase nenhum ruído. O dia prolonga-se, mais tranquilo do que a noite mais calma. Nenhuma presença, mesmo de um pequeno animal. O vazio, a luz, a tranquilidade. Qualquer coisa como a paz, se a paz pudesse existir. A paz, sem as mentiras da paz. Pela primeira vez desde há muito estou pacificada e regresso sem a mínima apreensão a minha casa para dormir.

Ela entra. Fecha a porta atrás de si.

O HOMEM JOVEM: Vais para dentro? Não queres ver a prenda que tenho para ti? Espera que me soerga. Que me livre do meu fardo e que me soerga. Poderás ver o meu rosto. Ah! se eu não tivesse este peso aos ombros.

Descarrega com vivacidade o cão morto que carregava aos ombros e atira-o para a frente da porta. Longo silêncio.

À entrada da aldeia, atirou-se a mim. Com os dentes arreganhados. Não, não, não é o que eu queria dizer... Encontrei-o ali na curva larga. Um carro tinha-o esmagado. Apanhei-o. Pu-lo aos ombros e subi com ele até aqui. Esta é que é a verdade... Não será mesmo o teu cão? Abre a porta. Bem sei que te escondes aí atrás à minha escuta. Abre a porta e vem ver se reconheces este cão. Sei que vais reconhecê-lo. Porque este cão, estou certo, é da tua casa.